Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 11ª Edição - Vol. 11 - Ano: 2020. No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

# O SER HUMANO E O ADVENTO DA MORALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E NIETZSCHE

Marcos Vitor Costa Castelhano 1*

Délis Sousa Benevides 2

Gerlane Costa dos Santos 3*

**Resumo:** A moral é tida como um fator-guia dos seres humanos em sociedade, geralmente associada às formas mais plausíveis de atuar e desenvolver juízos em um meio sociocultural, pautando-se na perspectiva do bem-estar social. As primeiras teorias a discutirem a formação e a aplicação de seus aspectos estão voltadas ao período socrático, visto que o homem e a pólis são postos como alvos principais na elaboração do pensamento filosófico. Em outras palavras, a origem da terminologia e os primeiros estudos dessa temática nascem com advento da Filosofia Política, tendo entre os seus grandes expoentes Platão e Aristóteles. Entretanto, com o passar das épocas existiu inúmeras mudanças no contexto socioeconômico e nos aparatos culturais, com isso, surgem consigo a possiblidade da edificação de novos conhecimentos durante as permutas históricas. Partindo desse pressuposto, todos os assuntos se apresentam em constante devir, não podendo ser diferente com a análise realizada ante a moralidade. Entre os autores que abarcam a discussão proposta, encontram-se Freud e Nietzsche. Apesar das diferenças visionais e metodológicas, ambos contribuíram de forma significativa na edificação dos pilares do conhecimento contemporâneo, constituindo a potência para novas abordagens no sentido científico-filosófico. Para tal trabalho, foi visado as obras de ambos os teóricos, tendo entre elas: O Nascimento da Tragédia, Além do Bem e do Mal, Assim falou Zaratustra, Mal-estar na Civilização, Totem e Tabu, entre outras. Além disso, foram explanados artigos e estudos encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico e Scielo. Portanto, por intermédio das cosmovisões de

* 1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

2 Graduanda do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

ambos os autores, torna-se possível visualizar o domínio moral sobre um novo contexto, objetivando a contemplação da moralidade à luz do espectro anti-anagógico.

**Palavras-chave:** Freud. Nietzsche. Moralidade. Psicanálise

**Abstact:** Morality is seen as a guiding factor for human beings in society, generally associated with the most plausible ways of acting and developing judgments in a socio-cultural environment, based on the perspective of social well-being. The first theories to discuss the formation and application of its aspects are focused on the Socratic period, in which, man and polis are placed as main targets in the elaboration of philosophical thought. In other words, the origin of the terminology and the first studies of this theme are born with the advent of Political Philosophy, having among its great exponents Plato and Aristotle. However, with the passing of the times there have been numerous changes in the socioeconomic context and in the cultural apparatus, with this, the possibility of building new knowledge during the historical exchanges arises. Based on this assumption, all issues are in constant flux, and it cannot be different with the analysis carried out in view of morality. Among the authors that comprise the proposed discussion are Freud and Nietzsche. Despite the visual and methodological differences, both contributed significantly to the construction of the pillars of contemporary knowledge, constituting the power for new approaches in the scientific-philosophical sense. For this work, the works of both theorists were aimed at, including: The Birth of Tragedy, Beyond Good and Evil, Thus Zarathustra spoke, Malaise in Civilization, Totem and Taboo, among others. In addition, articles and studies found on the digital platforms of Google Scholar and Scielo were explained. Therefore, through the worldviews of both authors, it becomes possible to visualize the moral domain in a new context, aiming at contemplating morality in the light of the anti-anagogic spectrum.

**Keywords:** Freud. Nietzsche. Morality. Psychoanalysis

## Introdução:

A moral é tida como um fator-guia dos seres humanos em sociedade, geralmente associada às formas mais plausíveis de atuar e desenvolver juízos em um meio sociocultural, pautando-se na perspectiva do bem-estar social (Cotrim e Fernandes, 2011).

As primeiras teorias a discutirem a formação e a aplicação de seus aspectos estão voltadas ao período socrático, visto que o homem e a pólis são postos como alvos principais na elaboração do pensamento filosófico (Cotrim, 2007). Em outras palavras, a

origem da terminologia e os primeiros estudos desta temática nascem com advento da Filosofia Política, tendo entre os seus grandes expoentes Platão e Aristóteles.

Entretanto, com o passar das épocas existiu inúmeras mudanças no contexto socioeconômico e nos aparatos culturais, com isso, surgem consigo a possiblidade da edificação de novos conhecimentos durante as permutas históricas (Cotrim e Fernandes, 2011).

Partindo deste pressuposto, todos os assuntos se apresentam em constante devir, não podendo ser diferente com a análise realizada ante a moralidade. Entre os autores que abarcam a discussão proposta, encontram-se Freud (1996b) e Nietzsche (1999). Apesar das diferenças visionais e metodológicas, ambos contribuíram de forma significativa na edificação dos pilares do conhecimento contemporâneo, constituindo a potência para novas abordagens no sentido científico-filosófico (Neto, 1997).

Para tal trabalho, foi visado as obras de ambos os teóricos, tendo entre elas: O Nascimento da Tragédia (1992), Além do Bem e do Mal (2002), Assim falou Zaratustra (2003), Mal-estar na Civilização (1996a), Totem e Tabu (1996b), entre outras. Além disso, foram explanados artigos e estudos encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico e Scielo.

Portanto, por intermédio das cosmovisões de ambos os autores, torna-se possível visualizar o domínio moral sobre um novo contexto, objetivando a contemplação da moralidade à luz do espectro anti-anagógico.

**Fundamentação teórica:**

Inicialmente, faz-se necessário compreender o que seria a moral, que segundo Cotrim e Fernandes (2011) estaria voltada a capacidade de discernimento do sujeito perante o que seria bom ou ruim em um determinado contexto cultura, podendo atuar sob sua convicção pessoal e elementos coercitivos que a englobam. Com isso, o ser humano seria por si só um ser moral que tem a capacidade de escolha ante sua atuação no mundo juntamente com os sujeitos que coadunam com convívio expresso (Cotrim, 2007).

Para Nietzsche (1999) a moral, de fato, guia os indivíduos nas interações sociais, porém com o desenvolvimento civilizatório os preceitos que guiavam os homens em sociedade mudaram com o advento estratégico dos membros inferiorizados. Em outras

palavras, os princípios que guiavam os indivíduos eram baseados nos aspectos nobres, mas com a posição de inferioridade de certos membros, foi-se exposto os valores sacerdotais que influenciariam os comportamentos dos envolvidos (Nietzsche, 1999).

Dessa forma, houve uma inversão dos valores com os passar das épocas, substituindo os preceitos primordiais da natureza humana pela unilateralidade da razão do ser humano (Amorim, 2016). Para entender melhor esta permuta, deve-se compreender as forças que regem o espírito humano e seu mundo, que segundo Nietzsche (1992) os sujeitos são formados por dois impulsos: o de caráter apolínio representado pela simetria, comprimento e razão, e o domínio dionisíaco que seria pautado na afirmação de vida dos seres humanos e de seu ímpeto natural.

No período que confere os tempos arcaicos, ambas as forças viviam em harmônia no interior dos homens, entretanto, com a gênese da Filosofia Socrática, a razão ganha um caráter unânime no direcionamento das atuações humanas. Logo, tudo aquilo que não se enquadrasse na perspectiva racional deveria ser modificado e rechaçado, gerando um desequilíbrio entre os espíritos que guiam os seres humanos em sua existência (Nietzsche, 1992).

Segundo o autor, tal revolução imperativa chegou em seu ápice opressivo diante do elemento dionisíaco através do surgimento e consolidação do cristianismo, uma vez que culminou na radicalização valorativa de base platônico-socrática. Sendo o maior exemplo disso a denominada “moral de rebanho”, que teria como objetivo aplacar a vontade dos sujeitos por meio da supressão de uma doutrina (Amorim, 2016).

Destarte, para Nietzsche (2007), os princípios que deveriam guiar os homens seriam anti-cristãos, visto que os valores vigentes tendem aplacar os desejos, a vontade de poder e tudo aquilo que há de mais natural na constituição humana. No qual, o seu desenvolvimento crítico e filosófico se pautaria em desedificar as normativas propostas em nome dos espíritos livres (Nietzsche, 2000). Por intermédio da superação das perspectivas que são tratadas como verdades absolutas, consideraria-se as concepções que não se limitariam ao modelo categórico do bem e do mal (Nietzsche, 2002).

Então, o próprio pensador exprimi que se deve fazer uma Filosofia com um martelo, visado em dois movimentos. O primeiro papel deste instrumento seria bater nas estátuas construídas pela humanidade, demonstrando que apesar de sua aparência consistente, ainda sim, seriam ocas. Já sua segunda função seria elaborar novos valores que fossem condizentes com a pluralidade individual (Nietzsche, 2001). Para que um dia seja possível a chegada do Übermesnts (Nietzsche, 2003). Sendo o ressentimento

intrínseco ao ser humano, um fator essencial para compreender a moral e sua consolidação nas sociedades desde do antanho até a atualidade (Ferraz, 1999; Trevisan, 2005; Moreira, 2010; Paschoal, 2011; Paschoal, 2012; Farias, 2013; Bittencourt, 2014; Bittencourt, 2016; Paschoal, 2016; Reginster, 2016; Arruda, 2017; De Santana, 2017; Pondé, 2019;).

Quando levado a temática da moralidade em Freud (1996b), percebe-se uma construção diferenciada quando comparada com o filósofo supracitado. Para o psicanalista a explicação da gênese moral estaria associada a sociedade totêmica, que após a assassinato do pai da horda cria os chamados totens e tabus para o controle das condutas individuais e coletivas no meio primitivo. Com o passar das interações civis, os membros foram complexificando os elementos valorativos por meio dos códigos nacionais e dos mandamentos religiosos, dessa maneira, todas as proibições sociais apresentam consigo um caráter paterno oriundo do assassínio originário (David, 2003; Koltai, 2010).

Nesse sentido, os sujeitos desde os primórdios experimentam um sentimento voltado ao desamparo, ou seja, em meio dos perigos intrínsecos ao existir, a morte e os conflitos sociais; os indivíduos elaboraram uma ideia de destino e tratam a natureza de maneira antropomórfica, lidando com as emoções corrosivas (Freud, 1987). Outro hipótese que justifica a união comunitária seria a ideia de um Eros Social que uni todos os sujeitos na civilização, evitando os conflitos e promovendo o gregarismo (Freud, 1996c).

Dentro desta perspectiva, um dos pontos que guiam o desenvolvimento estrutural dos sujeitos e da formação de seus comportamentos seria a pulsão, que segundo Freud (1996d; 1996e; 1996f) é caracterizada como o representante psíquico formado através de processos internos, ocupando a fronteira entre o somático e o mental, não estando associado a um objeto específico em sua gênese. Fadiman e Frager (1986) expressam que este elemento apresenta quatro particularidades em sua organicidade e em suas funções, como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 1: Constituição das pulsões

| | |
|---|---|
| Pressão (*Drang*) | Quantidade de energia utilizada nas manifestações pulsionais, servindo de |

| | |
|---|---|
| | força motriz para sua atividade teleológica. |
| Fonte (*Quelle*) | Conjuntos de processos somáticos que formam estimuladores internas que significam a vida psíquica pelos impulsos. |
| Objeto (*Objekt*) | O representante que é direcionado às tarefas psíquicas, objetivando a satisfação. |
| Finalidade (*Ziel*) | A ponto final almejado por todas as pulsões seria a satisfação. |

Diante do exposto, o autor nos revela que pulsão é dinâmica, existindo independentemente do objeto, mesmo que busque este durante o seu percurso (Kusnetzoff, 1982). Convertendo sua tipicidade sob os aspectos econômicos da vida psíquica, não funcionando diante de significados pré-determinados, além de ser influenciado pela realidade psíquica e sua subjetividade (Teixeira, Bock e Furtado, 2008).

Entretanto, o psicanalista, a partir da obra Além do Princípio do Prazer (1996g), revoluciona sua teoria por intermédio do Princípio de Nirvana que agora inclui uma nova categoria de impulsos, no caso, a pulsão de morte. Isto é, dentro da Psicanálise Clássica existem duas tipologias quando falado das pulsões, dividas em de vida e morte (Herman, 1983; Reis, Gonçalves e Magalhães, 1992; Hall, Lindsey e Campbell, 2000; Schultz e Schultz, 2002; Feist e Feist, 2008; Bragholli, 2010;). A primeira é voltada a unificação, gregarismo é autopreservação (Fadiman e Frager, 1986; Mednicoff, 2015;). Enquanto a segunda é relacionada a destruição, agressividade, autodestruição e busca pelo estágio inorgânico (Guitiérrez-Terrazas, 2002; Nakusu, 2007; Rudge, 2006;). Em que, esses elementos funcionam como representantes psíquicos, encontrando-se na forneceria entre o mental e o somático, não estando dispostos a um pré-comportamento ou objeto em específico (Garcia-Roza, 1983). Contendo a sublimação como uma estratégia para lidar de forma socialmente e culturalmente aceita com os empecilhos da civilização (Laplanche e Pontalis, 1996; Zimerman, 2004; Birman, 2009; Metzger, 2010; Dos Santos, 2014;

Então, quando comparado as visões entre Nietzsche (1999) e Freud (1987), ambos demonstram a importância da visualização das atividades e limites dos aparatos culturais

nas interações humanas. Entretanto, ao passo que Nietzsche (2003) menciona um processo de subversão de princípios para o direcionamento das próprias vontades dos indivíduos em suas atuações, Freud (1987) tece críticas aos modelos instituídos, mas não elabora um substituto, não se encaixando na categoria aforismática.

Outra semelhança entre os autores, seria que ambos, Nietzsche (1999) e Freud (1987), diferentemente de outros pensadores que os antecedem como: Aristóteles (1979; 2007;), Hobbes (1983), Bacon (1999), Platão (2002), Campanella (2004), Locke (2004), More (2005), Rousseau (2008), Maquiavel (2010); não defendiam um modelo estatal para o seguimento da vida moral, mas sim um direcionamento reflexivo sobre o antanho e a contemporaneidade das relações sociais. Além disso, os dois pensadores acabam por defender a pluralidade de impulsos dos sujeitos, não indagando os sujeitos apenas à vista da razão como faz Kant (2003) e Descartes (2000).

A mudança da ordem moral seria dada de forma progressiva ao longo do desenvolvimento social, Freud (1987) exprime que a Psicanálise antes de tudo seria um método de pesquisa que permite a indagação sobre o panorama edificado pela civilização atual, mas como mencionado, não defende um substituto particular para o âmbito almejado. Já Nietzsche (2007) exclama a derrubada da denominada "moral de rebanho" para que os sujeitos desenvolvessem novos valores fomentados bom ideal da natureza e vitalidade, e partir da obra Humano Demasiado Humano (2000) começa a se distanciar da doutrina elaborada por Schopenhauer (2001).

Para tanto, o filósofo projeta um caminho que possibilite encontrar as diretrizes que guiam a moralidade que suprime a vontade dos seres humanos desde da gênese da Filosofia Socrática (Amorim, 2016). Essa metodologia visa um atingir um espectro genealógica, ou seja, ir desde da base social, factual e linguística; para encontra os elementos primordiais que influenciaram as perspectivas limitantes dos homens em sua interação (Paschoal, 2000; Azambuja, 2013). No qual, a genealogia dos princípios teleológicos das vida humana seriam essenciais para a compressão da moralidade (Nietzsche, 1999; Araldi, 2008;). Evitando a aderência de qualquer domínio absoluto em face da concepção de verdade, agora esplanada na doutrina perspectivista (Nietzsche, 2003; Gori e Stellino, 2014; Camargo, 2010;).

Sendo assim, ambos os teóricos objetivaram a destituição das visões indubitáveis que englobam as raizes da moralidade, refletindo sobre as consequências deletérias das atitudes contemporâneas em frente orientação desta temática. Destarte, mesmo que Freud (1996a) e Nietzsche (1999) expressem metodologias diferentes para a visualização e

intervenção dos fatores morais, ainda sim, o ponto de convergência seria o reflexo das eventos históricos para a consolidação do contexto atual, assim como a impossibilidade de se gerar um ideal indissolúvel ante os segmentos valorativos.

Por fim, pode-se concluir que enquanto Freud (1987) relaciona a moral ao desamparo que marca o desenvolvimento primitivo, Nietzsche (1999) expõe a mesma por intermédio da viés do ressentimento que marca as relações de poder entre os indivíduos. Em que, nas duas perspetivavas o ser humano ainda apresenta uma demasiada dificuldade de lidar com as vicissitudes das interações comunais, convertendo um ponto que deve ser alterado para um melhor convívio entre os sujeitos.

**Conclusão:**

Este trabalho visou mediante a ótica coadunada de ambos os pensadores atingir uma reflexão coesa em face da edificação moral e suas consequências nas interações humanas ao decorrer dos séculos. Dessa forma, com a elaboração crítica sobre o assunto o artigo apresentando tende a instigar pesquisadores e cientistas na pesquisa requerida, fomentando o arcabouço teórico que abrange tal discussão.

**Referências:**

AMORIM, Richard. Filosofia. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 28, p. 33-51, 2008.

ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. In: Os Pensadores vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cutural, 1979.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARRUDA, Ana Luiza Gardiman. A pena e a moral do ressentimento em Nietzsche. Revista Pensamento Jurídico, v. 10, n. 2, 2017.

AZAMBUJA, Celso Candido. Introdução ao método genealógico de Nietzsche. ethic@- An international Journal for Moral Philosophy, v. 12, n. 1, p. 127-142, 2013.

BACON, F. Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores)

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. Psicologia Clínica, , v. 20, n. 1, p. 11-26, jan./2009.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 2003.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a decifração do mecanismo psicofisiológico do ressentimento. Conselho Editorial Docente, 2014

BITTENCOURT, Renato Nunes. O ressentimento como problema fundamental em Nietzsche. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 9, n. 1, 2016.

BRAGHIROLLI; M., E. Psicologia Geral. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 1, n. 2, 2010.

CAMPANELLA, Tommaso. A Cidade do Sol. São Paulo: Martin Claret, 2004

COTRIM, G. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

DAVID, Sérgio Nazar. Freud & a religião. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

DAVIDOFF, Linda. Introdução à Psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DE SANTANA, Maeli Maia Alves l. UMA PERSPECTIVA DO SOFRIMENTO EM FREUD E NIETZSCHE. Anais do EVINCI-UniBrasil, v. 3, n. 1, p. 62-62, 2017.

DESCARTES, RENÉ. Meditações Metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DOS SANTOS, Moisés. Introdução a teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: Juruá, 2014. Enrico Corvisieri

FADIMAN, James; FAGNER, Robert. Teorias da Personalidade. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. Revista Húmus, v. 3, n. 7, 2013.

FEIST, J.; FEIST, G. Teorias da Personalidade. 1. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche. Cadernos Nietzsche, n. 7, p. 27-40, 1999.

FREUD, 1996g. A Além do Princípio de Prazer. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, O inconsciente. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. vol. XIV

FREUD, Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. vol. XIV.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996ª

FREUD, Sigmund. Por que a guerra. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996c

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996b

FREUD, Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d

G., Cotrim; FERNANDES, M. Filosofar. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. O perspectivismo moral nietzschiano. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 34, p. 101-129, 2014.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 5, n. 1, p. 91-100, 2002

HALL, Lindsey e Campbell . Teorias da Personalidade. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERMANN, F. A. O homem psicanalítico: Identidade e crença. 1. ed.: Revista Brasileira de Psicanálise, 1983.

HOBBES, Thomas. Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

KANT, Crítica da Razão Prática. 1° Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOLTAI, C. Totem e tabu: Um mito freudiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KUSNETZOFF, J. C. Introdução à psicopatologia psicanalítica. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, J. Pontalis, J. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1996

livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo:Companhia das Letras, 2005.

LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo. In: Os pensadores. Trad. Anoar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural: 2004

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. 7. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

METZGER, Clarissa et al. Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional. Psicologia USP, v. 21, n. 3, p. 567-583, 2010

MORE, Thomas. A Utopia. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. Nietzsche: o ressentimento e a transmutação escrava da moral. 2010.

NAKASU, M. V. P. O parricídio em Totem e tabu: Uma análise acerca da gênese do conceito de pulsão de morte. Revista de Filosofia Aurora, v. 17, n. 20, p. 134-146, 2007.

NETO, Alfredo Naffah. Nietzsche e a Psicanálise. Cadernos Nietzsche, n. 2, p. 41-53, 1997.

Nietzsche, F. Crepúsculo do Ídolos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Friedrich. O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Editora Companhia das Letras, 2007

NIETZSCHE, Genealogia da Moral (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999

NIETZSCHE, Humano Demasiado Humano (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992

NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2a ed. 2002.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”. Revista de Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 201-221, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Nietzsche e Dühring: ressentimento, vingança e justiça. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 33, p. 147-172, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O procedimento genealógico de Nietzsche. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-170, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 4, p. 34-43, 2016.

PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de

PONDÉ, Luiz Felipe. A era do ressentimento. Globo Livros, 2019.

REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 1, p. 44-70, 2016.

REIS, Alberto. Magalhães, Lúcia; Gonçalves. Teorias da personalidade em Freud, Jung e Reich, São Paulo: EPU, 1992

ROUSSEAU, Jean Jacques – Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens / Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

RUDGE, A. M. Pulsão de morte como efeito de supereu. Ágora,, v. 9, n. 1, p. 79-89, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como Vontade e Representação. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. Teorias da Personalidade. 9. ed. São Paulo: Thomson, 2002.

TEIXEIRA, M.; BOCK, Ana Maria; FURTADO, O. Psicologias. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

TREVISAN, J. F. Nietzsche e o ressentimento: um estudo em Psicologia Social. 2005. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) __Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Zimerman, David. Fundamentos Psicanalíticos. São Paulo: Artmed, 2004.